O lugar e a história de Marina Silva

Não darei nomes aos bois que atacaram a ministra. O lugar de homens assim é na polícia, não na política

Ruth de Aquino, 29/05/2025

Marina Silva foi ofendida no Senado. Saiu. 'Perco o pescoço, mas não perco o juízo', disse há tempos — Foto: Agência Senado

Não vou dar palco aqui aos senadores misóginos e violentos que protagonizaram um espetáculo dantesco na câmara alta de nosso Congresso. Nem darei nomes aos bois. O Brasil e o mundo descobriram quem eles são. Mas logo serão esquecidos. Porque o lugar de homens assim é fora da política. É na polícia. Vamos "separar" os homens dos senadores.

Vamos falar da mulher e da ministra. Muito antes de a política de gênero virar moda, escrevi que sua biografia exigia que fosse respeitada como pessoa, no pântano de nossa politicagem. Encontrei Marina muitas vezes em vinte anos, em diversas geografias e histórias. Nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar, como na voz de Elis Regina.

As futuras gerações não esquecerão Maria Osmarina da Silva Vaz de Lima, nascida no Acre, filha de seringueiros migrantes cearenses. Contaminada por mercúrio aos 6 anos. Cinco malárias, duas hepatites.

Analfabeta até os 16 anos, aprendeu a ler pelo Mobral como empregada doméstica. Fez em quatro anos o primeiro e o segundo graus. Formou-se em História. Queria ser freira, mas virou marxista. Tornou-se evangélica, despede-se com um "vá com Deus". Tem quatro filhos. Foi a mais jovem senadora do Brasil, aos 35 anos.

Já enfrentou madeireiros, fazendeiros, cangaceiros. Como ministra do meio ambiente de Lula, enfrentou a mãe cheia de energia do PAC, Dilma Rousseff, e saiu derrotada. Ao pedir demissão, citou a Bíblia: "É melhor um filho vivo no colo de outro". O filho era a política ambiental.

Marina chegou a ter 20 milhões de votos em eleições presidenciais. Sua presença sempre move as camadas da terra, provoca tremores, obriga as velhas raposas a sair da

toca. Ela irrita sim, porque resgata contradições, incoerências, mentiras históricas repetidas tantas vezes que ameaçam virar verdade.

A ministra irrita com seu dedo verde em riste. Tira do sério quem não consegue, com a palavra, demolir sua ética da convicção, ou sua convicção da ética. Ela tem uma causa e isso incomoda demais. Sempre privilegiou os princípios e os fins, desconfiou dos meios. Prefere "perder o pescoço, mas não o juízo".

O pescoço projeta veias caudalosas. A voz sempre foi arranhada. As rugas, as sobrancelhas espessas e o coque estão intactos. É uma figura austera. Tem fé no Brasil. De ornamentos, são famosos os colares que ganha de indígenas. Os xavantes no Mato Grosso já a convenceram uma vez a trocar um colar maior e mais masculino por outro "mais feminino e delicado".

Numa entrevista, de muitas, Marina me disse, há dez anos: "O presidencialismo de coalizão no Brasil virou o presidencialismo da confusão e da desmoralização". Soa ultrapassado?

Uma vez, ainda no PT, Marina escreveu um artigo citando várias vezes a filósofa alemã Hannah Arendt para criticar a arrogância dos partidos e afirmar que "o sentido da política é a liberdade". E esta semana, no Senado, insistiu na autonomia: "Não sou submissa".

Fiquei impressionada ao ver como Marina se segurou na cadeira, assediada por homens afobados de terno, da mesa e da plateia, sem nenhuma voz do governo Lula se insurgir para bloquear o abuso. Eu me senti ofendida como mulher. E pensei. Ela está aprendendo a jogar.

A ministra continua a meter medo – e mais agora, quando não se deixa fritar como antes. "Se tenho um exemplo a dar com minha trajetória, é o da coragem, que não é a da força bruta, mas de saber manejar sonhos e catalisar energia". Ela não me disse isso agora. Foi em 2015. Essa coerência não é normal no Brasil.

Para calar Marina, não basta cortar o microfone. Não basta ofender. Convenhamos. É o cúmulo da burrice dizer à ministra que "se ponha em seu lugar". Só enforcando, não é mesmo, senadores?